

# TABULEIRO DE LETRAS

## Jehová de Carvalho, o Cronista (de) Salvador

## Jehová de Carvalho, the Columnist (of) Salvador

Raimundo Dalvo Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo consiste em recuperar a vida e obra do cronista baiano Jehová de Carvalho, na sua relação com a cidade de Salvador. Para melhor entendermos sua história e o seu olhar crítico sobre o urbano, recorreremos às crônicas publicadas nos jornais *Diário de Notícias*, *A Tarde* e ao livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. O trabalho contempla leituras sobre a história da Bahia em livros e fontes primárias as quais oferecem informações sobre as mudanças urbanas e sociais de Salvador (1940-1980), com a intenção de entender a metamorfose urbana e contextualizar os fatos narrados pelo cronista.

**Palavras-Chave:** Jehová de Carvalho; Crônica; Cidade.

**ABSTRACT:** This research consists of a recovery of the life and work of Brazilian, born in the state of Bahia, chronicler Jehová de Carvalho, his relationship with the city of Salvador and the people who passed or lived there, transformed into characters of his stories. For a better understanding of his story and his critical look over the urban, we went over the chronicles published on the Brazilian newspapers *Diário de Notícias*, *A Tarde* and the book *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia* (The city that does not sleep: nocturnal chronicles of São Salvador of Bahia). This paper contemplates readings about the story of the state of Bahia in books and primary sources, which offer information about the urban and social changes of the city of Salvador, with the purpose of understanding the urban metamorphosis and contextualizing the facts narrated by the author.

**Keywords:** Jehová de Carvalho; Chronicle; City.

### Introdução

Jehová de Carvalho nasceu em Santa Maria da Vitória, na década de 30 do século passado, e recebeu uma formação religiosa presbiteriana. Aos quatorze anos, chegou a Salvador e, mais tarde, tornou-se jornalista, pertencendo à redação de alguns jornais da Capital. O primeiro foi *A Crítica*. Tempos depois, o jornalista Jorge Calmon convida Jehová

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras – PUCRS. Professor Adjunto Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: costadalvo58@gmail.com

para o Jornal *A Tarde*, o mais importante do Norte e Nordeste do Brasil, em cujo veículo passa a desempenhar atividades de revisor, redator, repórter especial para assuntos da cidade, e logo surgiu a oportunidade de cobrir reportagens de cunho policial. No *Diário de Notícias*, desenvolve a função de chefe de reportagem. Em ambos (*A Tarde e Diário de Notícias*), assinou as colunas “*A cidade que não dorme*”, “*Foro*” e a “*Velha e nova Bahia*”, além da folclórica “*Bahia, beco e boteco*”. Em 1957, foi integrante da primeira redação do *Jornal da Bahia* e, em seguida, foi convidado para o *Jornal Tribuna da Bahia*. Na imprensa nacional, trabalhou na famosa *Revista O Cruzeiro*, na sucursal do Estado da Bahia, ressaltando-se a edição sobre a Bahia, no ano de 1971.

Na década de 1970 concluiu o curso de Direito. Jehová, em razão de ter uma ligação com os mais humildes e trabalhar em causas populares, passou a ser conhecido como o “pai dos pobres”. Transitava no meio de intelectuais e, em muitos momentos, conviveu com Grande Othelo, Pablo Neruda, Mário Lago e com o amigo Jorge Amado, tendo sido personagem de algumas obras deste.

A sua paixão pela literatura o fez escrever alguns livros, a exemplo de *Um passo na noite*, com prefácio de Jorge Amado. Alguns poemas presentes nesse livro, de 1964, foram considerados, à época, estranhos e desafiadores à ditadura militar. A obra *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*, como bem disse Carlos Drummond de Andrade, na abertura desse livro, “é a Bahia em toda a sua beleza luso-africana. A crônica ‘Do carroceiro Diodé no Largo do Ouro’ traz a leveza da prosa de Rubem Braga. Apenas os elementos ambientais são marcados pela cor do dendê e pelos mistérios dos orixás”. *A Reinvenção do Reino dos Voduns* trata sobre a conciliação linguística e semântica entre as remanescências jeje-nagôs e a língua portuguesa, em sua expressão baiana e brasileira, sendo na verdade uma coletânea de poemas; e, por último, o livro *Memória da Cantina da Lua*, que são lembranças e momentos vividos por Jehová de Carvalho ao lado dos boêmios e intelectuais.

Jehová foi um estudioso da cultura africana, marcando presença em várias palestras, inclusive fora do Estado. Fez diversas conferências no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no Ciclo de Estudos da Natureza das Nações Africanas. Na Academia de Polícia Civil, discursou sobre a “*Linguagem na Reportagem Policial Moderna – preconceitos e estereótipos*”. Participou em Salvador do *II Encontro Mundial de Tradição Orixá*, apresentando a temática sobre “*Do Povo Jêje e sua contribuição ao movimento Libertário de 1835, na Bahia*”.

Participou dos filmes *Tenda dos Milagres*, de Nelson Pereira dos Santos, em 1976/1977, e *Mistério de Azanaodô*, de Agnaldo Azevedo, dentro do projeto de produção da Embrafilme para 1984. Foi Assessor-Chefe de Comunicação Social da SUNAB – cuja implantação lhe coube, em 1966 – e membro da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador. Em 1976, foi Assessor e Planejador de Comunicação Social de Fundação Cultural do Estado, como também Assessor de Comunicação da Secretaria de Segurança Pública, de 1975-1979.

Diante do exposto, podemos afirmar que o poeta Jehová de Carvalho viveu a ebulição da produção cultural, dando a sua contribuição intelectual para Salvador, no que tange às questões sociais, culturais e literárias da cidade, divulgando a cultura africana por meio de livro e palestras, como também fez uma antropologia urbana, apontando muitas vezes para as mazelas sociais.

### A Cidade e o *Progresso*

Salvador, desde o início do século XX, passou por mudanças econômicas e urbanas importantes, o que refletiu na sua vida cultural, intensificando-se na década de 1970, por meio da política desenvolvimentista, de modo que “a cidade se constituiu como um dos estados com história mais marcante no planejamento”.<sup>2</sup> Essa metamorfose não passou despercebida aos olhos do cronista Jehová de Carvalho.

A maior concentração do comércio varejista estava nas ruas Chile, Misericórdia, Ajuda, Carlos Gomes, J.J.Seabra e nas avenidas Joana Angélica e Sete de Setembro. O Elevador Lacerda e os planos inclinados faziam a ligação entre a cidade alta e a cidade baixa, apresentando-se como alternativa de rápida locomoção.

Com o crescimento populacional, a ampliação do comércio e o fluxo de veículos, buscou-se ampliar ruas com a criação de novas áreas residenciais de luxo, como Graça, Vitória e Barra, fazendo com que tradicionais bairros com casarões antigos fossem abandonados, alugados ou invadidos pela população carente, quando não, muitas vezes, derrubados para construir edifícios ou garagens.

---

<sup>2</sup> MENDES, Victor Marcelo Oliveira. **A problemática do desenvolvimento em Salvador: análise dos planos e práticas da segunda metade do século XX (1950-2000)**. 2006. 265 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 137.

Dessa maneira, o planejamento urbano, tendo uma preocupação direta com o lucro, não observou as consequências futuras para a cidade. A população foi obrigada a residir distante dos centros, incentivada pelo governo, por intermédio da implantação dos primeiros conjuntos habitacionais.

O surgimento de novos bairros está associado ao crescimento do sistema de transportes que se amplia entre os anos de 1960 a 1970, estimulando de maneira acentuada a especulação imobiliária. A população que não possuía rendimento fixo, na sua maioria ambulantes, passou a residir em invasões, aumentando de maneira significativa o processo de proletarização social e urbana. O professor Renato Cordeiro Gomes assevera que “o desenvolvimento das cidades sem um planejamento amplo que visasse a atender os mais carentes terminou por prejudicá-los no que se refere à moradia, ao desenvolvimento intelectual e ao seu bem-estar social”.<sup>3</sup>

Jehová de Carvalho fez sua própria leitura dos acontecimentos dessa época. Como a crônica é filha da cidade e a cidade está na essência do cronista, ele viu essas mudanças de forma subjetiva, mas também muito criticamente, não aceitando o progresso e as reformas urbanas, quando estas se mostravam sem limites. Não eram apenas casas ou prédios antigos jogados ao chão, mas a tradição e a cultura de um povo – era a construção do novo em detrimento do passado.

Toda essa mudança se encontra associada à ideia da modernidade que atingiu muitos baianos os quais, paradoxalmente, viveram o conflito entre o tradicional e o moderno.

Além das diferenças sociais e econômicas que marcavam a cidade, também as arquitetônicas foram temas de Jehová. Construções surgiam sem limites, opondo-se aos casarões coloniais, imprimindo a contradição ao espaço da cidade, como afirma Milton Santos:

[...] próprio à cidade atual que fornece a explicação da presença, ao lado de um conjunto de construções modernas, dos restos do passado, velhas casas ricas que perderam seu antigo papel residencial e se degradam. O quadro antigo, herança do passado, não foi completamente substituído, enquanto sobre um sítio artificialmente criado, nascia uma cidade moderna [...].<sup>4</sup>

O modernismo baiano passou a desprezar sua memória histórica. Para o professor Renato Cordeiro Gomes, esse ataque à cultura de uma cidade “é um ato de violência,

---

<sup>3</sup> GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, A cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>4</sup> SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana**. 4. ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1950. p. 23.

imposição do poder: atemoriza, desorienta os sentidos com sua arquitetura sem fim. A monumentalidade pela monumentalidade.”<sup>5</sup> Assim o progresso pintava a vida urbana e dos seus humildes habitantes, radicalizando as dualidades rico/pobre, ontem/hoje, casarios coloniais/prédios modernos, sem possibilidade de diálogo para um equilíbrio nas relações e distribuição de forma equitativa do trabalho, sem prejuízo dos mais pobres.

Salvador ia, conseqüentemente, perdendo seus traços marcados pela arquitetura colonial, caminhando em direção a um planejamento urbano de imponência, que se assentava nas construções modernas e na proposta política de desenvolvimentismo. Jehová não gostou desse modelo de cidade e fez questão de externar esse sentimento na crônica “Do desfile e da loucura da cidade quadrissecular”:

Os monstregos de cimento armado continuam ocupando os lugares dos seus prédios coloniais, na tentativa de uma arquitetura piegas, quase de arremedo para atendimento aos interesses imediatista de um comércio sem visão, que muda de esquina de um dia para o outro. O Campo Grande de ontem, um dos mais belos jardins do país, conforme a opinião de famosos paisagista é hoje um aglomerado de edifícios funcionais, de escassez de árvores e tomado de sujeira de uma cidade que cresce sem a proporção do seu organismo de limpeza. A Avenida Sete é outra como a outras já estão sendo Praça Thomé de Souza e a Rua da Misericórdia. A Sé, ainda uma praça antiga no início de 1960, é uma mascara do que foi antes, com uma construção de prédios miseravelmente concebidos em forma a destoar do resto do conjunto [...].<sup>6</sup>

A cidade é tratada e representada de forma pejorativa quando é denominada pelo cronista de “monstrengo de cimento armado”. A palavra “monstrengo” no texto significa falta de beleza, destoando com a tradição das construções coloniais. Nessa linha de pensamento, Jehová nega a forma de viabilizar um paisagismo que contraria a história descrita pelos seus casarios, sobrados e ruas dos tempos de outrora.

O seu olhar sobre esses acontecimentos, visto como degradante e irracional, começa também pela destruição do verde, das árvores milenares que davam à paisagem uma beleza própria e necessária aos seus moradores. O cronista recorda esse momento considerado como “desumano”:

A cidade cresceu. A calma da Praça Deodoro foi acabando. O tráfego intenso, pesado e louco, afastou para os bairros a carroça tradicional. Foi sumindo a figura do carroceiro, com seu bernal de couro, chicote na mão e o

<sup>5</sup> GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, A cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 25.

<sup>6</sup> CARVALHO, Jehová de. Do desfile e da loucura da cidade quadrissecular. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 31 mar. 1973.

“ôba” na boca e – no entendimento do burro – entre os trilhos dos bondes abertos. Sobre eles, sobre essa categoria de trabalhadores anônimos da cidade, alijados de sua paisagem pelo progresso, vieram os motoristas dos caminhões, veículos capacitados a conduzir, com mais pressa, o açúcar que as velhas e lentas carroças transportavam. Mas São Cristóvão ficou, sem que os motoristas pudessem entender sua presença na centenária árvore da Deodoro. Agora, a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto [...].<sup>7</sup>

O cronista vai identificando determinadas ruas da cidade alta como a Avenida Sete, Praça Thomé de Souza, Rua da Misericórdia e a Sé que, segundo ele, perdem sua originalidade. A cidade baixa, nas ruas Portugal e Conselheiro Dantas, passaram também a ser afetadas. Do mesmo modo, os opostos se apresentam na crônica: a figura do carroceiro segregado do grande centro e os motoristas dos caminhões que passam a transportar o açúcar, tirando de cena as carroças. O cronista faz o contraponto, quando afirma que “a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto.” Numa construção poética, mistura verde, metal e concreto. O verde morre para dar lugar ao metal e ao concreto, que são as edificações. O jogo da negação, do sim e do não vai permeando a narrativa, assim como as marcas do tempo presente na frase “veículos capacitados a conduzir, com mais pressa”. A velocidade, registrada pela palavra “pressa”, é o *cronos* da história, feita por homens e não apenas um tempo meramente físico. Homem e espaço transformam-se juntos na antítese de suas vidas na cidade. A crônica se multiplica em diversos significados, o que, sem reduzir a crítica social, impõe o caráter literário do texto. Alia simplicidade e coloquialismo, como é próprio do gênero crônica que se “situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem comunicativa [...]”.<sup>8</sup>

As crônicas abordadas retratam a alma do autor, que insiste na não aceitação da realidade por conta das impressões causadas pelo contato direto com as mudanças no espaço urbano, que atingem seu sonho de cidade feliz. “O progresso também acabou com as quitandas baianas talvez as mais bonitas [...]”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> CARVALHO, Jehová de. Sem Fidelis/sem os carroceiros/sem São Cristóvão. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 149.

<sup>8</sup> ARRIGUCCI Júnior, Davi. **Enigma e comentário**: ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras 1987. p. 55.

<sup>9</sup> CARVALHO, Jehová de. O afro-comércio das quitandas. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 1, 19 fev. 1972.

A preocupação excessiva em acusar o progresso como o responsável pelo desmantelamento de Salvador antiga é um ideia fixa enclausurada no “eu” do narrador, que ofusca a possibilidade de enxergar as mudanças necessárias na cidade. Buscando realismo na cena apresentada, ou seja, a metamorfose do urbano, ele utiliza de recursos estéticos, por meio da linguagem, com o intuito de convencer o leitor que sua argumentação é dotada de veracidade. Ou seja, em muitos momentos Jehová trabalha a crônica de forma artística, assim como o entalhador que, sobre a madeira, desenha imagens com recursos de detalhes e cuidados nos cortes para imprimir realismo.

As transformações apontadas pelo cronista traziam no seu bojo a destruição da memória social que paulatinamente produziria fragmentações da identidade cultural,<sup>10</sup> que iam se esfumando no seio dos baianos, principalmente dentro da religiosidade africana:

As iaôs, há muito tempo atrás não falavam com ninguém em seu percurso. Quero dizer: eram proibidas de comunicar-se com estranhos. Omolu as castigava, fatalmente [...] Mas o progresso mudou o comportamento das yaôs no Iococi e noutras “obrigações” do culto afro-baiano. O asfalto queima os seus pés. O trânsito obstruído e louco lhe impede, às vezes de chegar ao Terreiro antes que a noite chegue. Os turistas as assediam para fotografar. Fazem-lhes, com insistências, perguntas a respeito do fetichismo que lhes soa como algo cheio de encanto e mistério. O jeito que tem é falar. E pelo visto, Omolu já está tolerando a imprudência de suas filhas.<sup>11</sup>

Na visão do autor, o progresso desrespeitou, ignorou a cultura negra, descolorindo-a, maculando-a, desmontando imaginários, destruindo as raízes no passado. Os modos viventes e a cidade vão se tornando uma coisa sem vida e sem expressão artística e religiosa. O mundo popular falece junto com a Salvador antiga.

As imagens místicas, os diálogos que cria ficcionalmente em algumas crônicas mostram que até os orixás – santos do candomblé – estão insatisfeitos com essa realidade, ao ponto de castigar aqueles que colaboraram com a destruição da natureza:

A primeira vez em que baixei minha curiosidade no Bonocô foi quando a yalorixá Maria da Penha, a “Yenecy” do candomblé de Angola [...] retirava mais um barco; isto é, abria a porta da camarinha para que três yaôs saíssem a ver a luz do sol [...] já que estiveram recolhidas ali seis meses. As casas de pau-a-pique penduradas nas encostas pareciam pombais azuis [...] Quando as

<sup>10</sup> Identidades culturais aqui devem ser entendidas como pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Elas são partilhadas e congrega os sujeitos sob uma mesma identificação In: HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

<sup>11</sup> CARVALHO, Jehová de. O Iococi de Omolu. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 20 jul.1973.

picaretas e as britadeiras do então prefeito Antonio Carlos Magalhães gritaram no verde dos brongos do Bonocô. João Bocage [...] botou os olhos no Bonocô [...] e disse profetizando: – Meu pai, Omolu, a coisa vai ser feia. Tão derrubando as árvores sagradas! Certa manhã, um trabalhador braçal deu com o machado numa árvore de Loôco sem saber que não o poderia fazer, desde que de suas raízes, à última folha da copa, o príncipe negro que perdeu a medalha no deserto, “encantando-se” por desobedecer o pai, tomava a árvore, dela fazendo sua morada, para haver de cumprir sua tarefa divina no atendimento aos pedidos que lhe chegaram em forma de dendê, amalá. No segundo corte, o machado falseou o ferro, e quase que metade do pé do homem ficava ali junto à “comida” do orixá.<sup>12</sup>

É sobre a história do desenvolvimento, dos planejamentos políticos urbanos que atingem a tradição baiana que o cronista pretende tratar, transformando esse gênero literário, a crônica, em um documento de denúncia sobre os transtornos que o progresso trouxe. Com esse ideal, seus escritos se constituem como uma fonte rica da memória histórica, social e cultural de Salvador, ratificando o que Eliana Vasconcellos escreve sobre a crônica como documento: “[...] É um documento vivo do período em que foi escrito. Relata os fatos corriqueiros do dia a dia, os *faits divers* que alimentam o noticiário dos jornais.”<sup>13</sup>

Afinal, esse sempre foi o papel do gênero:

Ocupando a princípio a seção 'folhetim' nos jornais, desde o início os cronistas procuravam incorporar o aspecto social e político, por diversas vezes de forma crítica e corajosa, embora algumas vezes se rendessem aos 'projetos de modernidade' encaminhados pelas elites. Mas em geral denunciavam a crescente separação social, sempre de maneira agradável, direta e cosmopolita, antenando o local com as novidades mundiais.<sup>14</sup>

A ideia do social acoplado ao desenvolvimento de Salvador continuou presente nas crônicas de Jehová de Carvalho, trazendo a voz de um trabalhador da economia informal, que dialoga com o cronista e externa sua opinião sobre as mudanças nessa localidade:

– Seu Manoel Cabelinho como está achando as coisas por aqui neste Largo da Barroquinha? E ele fazendo a careta própria de quem não gosta muito de tratar assunto consumado, infelizmente consumado responde: – Como toda cidade, está uma desgraça. Estamos quase sem ouvir um ao outro, com esta barulheira desgraçada de ônibus. É que Manoel Cabelinho vem dos bons tempos, tardos tempos em que o Largo da Barroquinha era simplesmente o

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. Das coisas do Bonocô que invocam os cegos. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 22 mar.1973.

<sup>13</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações. Rio de Janeiro: Editora Unicamp,1992. p. 255.

<sup>14</sup> MELO, Victor Andrade de. A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro como fonte de transição do século XIX/XX. Disponível em: <[www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica\\_remo\\_art\\_conbrace.doc](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica_remo_art_conbrace.doc)>. Acesso em: 15 fev. 2013. p. 4.



poético Largo do Barracão das Hortas. Sua quitanda ficava num quarteirão onde atualmente se vê uma espécie de jardim sem flores [...] Manoel Cabelinho toma um susto [...].<sup>15</sup>

A conversa entre o autor e Manoel inicia-se com uma pergunta, como forma de sugerir ao leitor que o cronista não é o único a discordar dos avanços de Salvador. A aparente “conversa fiada” não tem nada de gratuito: ambos convergem ao mesmo ponto. A cidade aqui é representada pelo popular como “desgraça”, contrapondo-se a uma época que esse local “era simplesmente o poético Largo do Barracão das Hortas”. Na segunda frase, fica clara a necessidade de se preservarem as hortas como forma de manutenção dos empregos dos mais precisados, mas o lugar fica “uma espécie de jardim sem flores”, ou seja, um paisagismo sem arte, naturalidade e sem humanização, assim acredita o autor. Dessa maneira, embora os mais humildes não tenham voz diante desse “espetáculo” do progresso, eles ganham espaço na crônica de Jehová, que, de certa forma, democratizou a palavra dos excluídos.

Jehová usava a palavra para denunciar, assumindo o seu papel de crítico, compreendendo que alterações de espaço, paisagem e ambientes naturais para o surgimento da cidade de concreto e das máquinas acarretariam alterações no comportamento humano, na cultura e no trabalho de seus habitantes. Essa é a leitura que Jehová faz da cidade.

#### A Cidade Literária

Apesar de o cronista rejeitar o progresso urbano, ele percebia que existia no seio de toda essa turbulência uma cidade literária que já se apresentava para ele desde a década de 1950. Jehová, um estudioso da história da literatura baiana, traz na sua coluna “*Velha e Nova Bahia*”, no Jornal *Diário de Notícias*, a crônica “*A Bahia e os efeitos de vinte e dois*”, um breve comentário da influência do movimento da Semana de Arte Moderna de São Paulo em alguns estados do Brasil, especialmente na Bahia, em 1927. Essa inovação ou “revolução” no mundo das letras atingiu seu ápice, de fato,

[...] só a partir de 1950, é que, com o Caleidoscópio de Heron de Alencar, na “A Tarde”, ele professor de Literatura da Faculdade de Filosofia, é que as bases da Semana foram tomadas por expressiva área da intelectualidade local, no romance, no jornalismo, na poesia (Wilson Rocha e Jair Gramacho) e, sobretudo, as artes plásticas com a volta da Europa de artistas como Mário

<sup>15</sup> CARVALHO, Jehová de. Velha e nova Bahia: Cabelinho não viu que a cidade mudou. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 3-4 dez.1972.

Cravo Júnior e Carlos Bastos, respaldadas por Caribé. Aí era o Caderno da Bahia, movimento articulado por estes e Claudio Tavares e cujo principal momento foi o seu livro “Pássaro de Sangue”, a negação de tudo quanto se fazia, nessa terra, em termos de poema. E foi da progressão de Carlos Chiacchio, com sua Ala das Letras e das Artes que vimos a “Geração Mapa”, o surgimento de intelectuais como Florisvaldo Matos e sua nova poesia política; Glauber Rocha e seu cinema protesto; José Maria e sua gravura-denúncia. Chegou tarde aqui a Semana de Vinte e Dois; mas, isso feito, abalou a inteligência nacional. Sem baianismos.<sup>16</sup>

Vários escritores baianos tiveram uma grande importância, no sentido de fomentar e apoiar esse período no campo da poesia, romance, contos, novelas e crônicas, assim como fez Vasconcelos Maia.<sup>17</sup> Era o momento político que cruzava com os movimentos culturais, quando se exaltava o nacionalismo de cunho socialista, que buscava valorizar suas raízes e a situação dos menos favorecidos socialmente. Essa tendência político-cultural se fortalece no estado da Bahia e ganha novos ares em 1960, quando foi realizado o I Festival de Literatura e Arte da Bahia, que deu ao público a possibilidade de conhecer livros de antigos escritores e estreantes no ambiente das letras, do teatro e das artes em geral. As Universidades e o Museu de Arte Moderna foram os acolhedores desse evento no estado, conforme relato de Daniel de Oliveira:

Nos jardins do Teatro Castro Alves reuniram-se os escritores residentes na Bahia e os escritores baianos famosos no sul do país, para juntos autografarem seus livros em benefício da campanha do menor abandonado. Vieram os escritores baianos do Rio e de São Paulo e entre eles havia quem não voltasse à Bahia há trinta anos. Foi um encontro cordial e comovente. Todos os grandes nomes da nossa literatura ali se encontravam, ao lado dos escritores jovens, e o público que compareceu em massa comprou livros de uns e de outros, num total de mais de mil volumes e de mais de quatrocentos mil cruzeiros. Foram recordistas de vendas: Vasconcelos Maia, cujo livro de crônicas foi lançado no Festival, Jorge Amado, com apenas três dos seus livros, estando os demais esgotados, e o governador Juraci Magalhães, com seu volume *Minha Vida Política na Bahia*.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> CARVALHO, Jehová de. A Bahia e os efeitos de vinte e dois. **Diário de Notícias**, Salvador, 1º mar. 1972. Caderno I, p. 4.

<sup>17</sup> Escritor e jornalista baiano. “Fundou e dirigiu, com os mais novos e expressivos nomes da cena cultural de Salvador, a revista de cunho modernista, cujo objetivo era implementar a vida intelectual de Salvador dentro do clima de pós-guerra e dar uma ressignificação identitária para a Bahia. Caderno da Bahia: revista de cultura e divulgação, como se intitulava, foi publicada, pela primeira vez, em agosto de 1948, por um grupo de escritores locais para que tivessem um canal próprio de expressão. De cunho social, a revista divulgava a cultura popular, tratava da questão do negro, o caldo cultural de uma Salvador que, então, buscava sua identidade [...]”. SOARES, Edna Maria Viana. **Uma cidade dia sim, dia não. Salvador nas crônicas de Vasconcelos Maia-1958/1964**. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010. p.18.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Daniel. Bahia. **A viagem dos argonautas**. Salvador, 2010, p.1. Disponível em: <<http://aviagemdosargonautas.net/2012/08/10/bahia-por-daniel-de-oliveira/>>. Acesso em: 8 out. 2012.

Diversas manifestações, contos, poesias, ensaios e crônicas tiveram destaque nesse Festival de Literatura e Artes da Bahia. Muitos dos escritores resolveram assumir posições ideológicas de esquerda, fazendo denúncias, participando de movimentos sociais, usando a literatura como forma de protesto diante dos problemas que afligiam os mais carentes. Ainda por volta dos anos de 1970 os grupos culturais se faziam presentes, ao declamar poesias, pintar, esculpir, dançar e escrever sobre o universo africano e a cultura popular.

O ambiente literário era também pleno de altercações e vaidades intelectuais e mostrava relação direta com a posição social que cada um ocupava na sociedade e sua conduta comportamental no espaço da cidade. O campo das letras e das artes em Salvador estava dividido por facções que se diferenciavam: de um lado, poetas, romancistas e cronistas rebeldes; e, de outro, os mais tradicionais.

Surgiu na cidade uma importante feira de livro que Jehová terminou por dar visibilidade em sua crônica “*Do gênio baiano na feira do livro*”<sup>19</sup>, ao comentar, por conta de ter ouvido, na mesa de bar, o escritor e jornalista Rui Espinheira falar sobre o evento “[...] instalada quinta-feira passada no Belvedere da Sé [...]”<sup>20</sup>, que reuniu muitos letrados.

Soma-se a isso o papel da Biblioteca Pública do Estado que teve

[...] momentos em que chegou a sair de sua limitada destinação de depósito de livros para consultas para assumir a dimensão de organismo propulsor do movimento artístico-literário da Bahia de 1960, com exposições dos nossos maiores plásticos entre os quais Juarez Paraíso, Leonardo Alencar, José Maria, Adam Finerkaes, Udo, Yeda Maria e a divulgação de grandes ficcionistas e poetas como José Benjamin, Noênio Spínola, Ildasio Tavares, Anísio Melhor, conforme bem o documentou a “*Revista da Bahia*” pela mesma Biblioteca editada. Foi sua fase áurea, imposta pela dinâmica de Péricles Diniz Gonçalves.<sup>21</sup>

A cidade, aos olhos de Jehová, transpirava criação, nascida de qualquer lugar. Era o tempo dos poetas que versejavam versos nos saraus e cantavam fados, como relata o cronista:

Egas Moniz Barreto de Aragão, então diretor do Instituto de Criminalística da Secretaria de Segurança Pública, recitava poemas da autoria de seu famoso pai, Pethion de Vilar. À sua direita, o Delegado Adelino Carvalho.

<sup>19</sup> CARVALHO, Jehová de. Do gênio baiano na feira do livro. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 30-31 jul. 1972.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> CARVALHO, Jehová de. De ficar no asfalto o barroco tremendo na canícula. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 1, 9 out. 1972.

Na cabeceira, o poeta João Muniz. O restaurante Porto vivia, mais uma vez, um dia de vinho branco. Moreira, o proprietário, cantava fados [...]”<sup>22</sup>

Já em outra crônica, narra: “E Murilo declamava versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenatas de fado nas noites de Évora [...]”<sup>23</sup>, e na crônica “*Esta rua nossa de cada dia*”, como afirma:

Sob o Edifício Eduardo de Moraes, erguido para homenagear um expoente da Medicina baiana, estão... os versos declamados por Carlos Benjamin de Viveiros... E, bem depois, os poemas agrários de Florisval Matos, parnasiano... as soluções políticas encontradas por Antonio Balbino, Rui Santos, Heitor Dias, Antonio Carlos Magalhães, tudo à galhofa do cronista Raimundo Reis. Isso - os versos, os diálogos políticos, a discussão em torno da doutrina jurídica- [...]”<sup>24</sup>

Salvador vai, assim, sendo mapeada pelo cronista, apontando os lugares em que as manifestações literárias populares se faziam presentes por meio dos atores da palavra, como o cordelista José Gomes, conhecido como Cuíca de Santo Amaro, que escrevia versos, mandava imprimir e vendia durante seus recitais:

À época de Cuíca de Santo Amaro, a literatura de cordel funcionava como um jornal do povo. Lendo os folhetos obtinha-se informação dos fatos que aconteciam na cidade. Em seus versos, o poeta tornava públicas as histórias ocorridas nos bastidores da sociedade baiana [...]”<sup>25</sup>

Jehová mergulhava na literatura das calçadas, ao conviver ao lado de escritores de rua, trazendo uma parte da riqueza da cidade literária quando escrevia sobre ela, como pode ser lido na crônica “*O anônimo itinerário de um homem sofrido*”:

Se lhes falo de José Augusto, pouco interessaria o meu falar. Ora, José Augusto! E daí? Quantos José Augusto existem neste Brasil afora! Mas este é Zé Augusto cuja vida, ao menos nos últimos vinte anos, entre o Terreiro de Jesus e o Alto de Santana, toda ela de amor à cidade que ele, utilizando-se mal de linguagem alheia, chamava de “negra de peitos fartos”. Quando Cuíca de Santo Amaro e Rodolfo Coelho Cavalcanti recitavam suas trovas – o primeiro, à porta do Elevador Lacerda e o segundo, em frente ao Plano

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_. Falta uma alegria no meio-dia do Porto. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 26.

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_. Quem fez distante o olhar da nega arara? **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 109.

<sup>24</sup> CARVALHO, Jehová de. Crônica: Esta rua nossa de cada dia. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 151-152.

<sup>25</sup> Matéria - Cuíca de Santo Amaro. **A Tarde**: Salvador, p.8, 25 mar. 2007.

Inclinado, no Comércio – falando da vida alheia, criticando políticos ou os que versavam em torno da superioridade do homem sobre a mulher, José Augusto, magro, declamava, em frente à Catedral Basílica, suas loas à Bahia, “amor que trago nos nervos, governado o coração.”<sup>26</sup>

A narrativa tem uma densidade centrada na condição humana de “Zé”, que faz o cronista perceber a poética existencial desse escritor, reverenciando-o. Também exalta o pintor baiano Ângelo Roberto:

[...] um dos maiores pintores do país [...] Ângelo pinta como o rio corre para o mar, a criança nasce, o homem morre [...] Ano passado, falei de seus cavalos que avançam, em disparada, além das telas [...] Exibiu-se na Galeria de Arte da Bahia, naquela mesma Pousada da Praia [...].<sup>27</sup>

Essa vai ser uma das tarefas do cronista: trazer para o panorama da cultura baiana pessoas que viveram nos espaços da cidade, transformando-a em cenário de beleza, história e arte. Ele fez ver que a literatura e as artes estavam presentes no coração de alguns cidadãos, porta-vozes de um tempo poético e musical, que marcou a cultura baiana.

Antonio Risério, ao escrever sobre a história da Bahia, acredita que:

Num sentido mais amplo, a modernidade estético-intelectual teve, em terras baianas, uma rede de irrigação mais vasta e emaranhada, passando por bares, cursos, clubes de cinema, suplementos jornalísticos, etc. Para melhor entender essa circunstância da história da cultura na Cidade da Bahia e seu Recôncavo, devemos levar em conta dois processos fundamentais – e simultâneos. De uma parte, o entrelaçamento da cultura boêmia e da cultura universitária [...] E essa inexistência de um “cordon sanitaire” entre o campus e a praça, a escola e a rua, o bar e o gabinete, enriqueceu, como não poderia deixar de ser, o circuito diário dos signos.<sup>28</sup>

Para Jehová, a década de 1970 em Salvador “marcava, definitivamente, o fim da rima rica e do verso escondido por estas plagas da Bahia tão afastada das repercussões da Semana de Arte de São Paulo.”<sup>29</sup>

A literatura e as artes passaram a despertar na alma dos cidadãos a possibilidade de pensar Salvador como um lugar possível de trazer e fazer com que seus moradores atentassem

<sup>26</sup> CARVALHO, Jehová de. O anônimo itinerário de um homem sofrido. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme:** crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 116.

<sup>27</sup> CARVALHO, Jehová de. Ângelo Roberto, o desenho que extrapola a moldura. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 28 jul.1973.

<sup>28</sup> RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004. p. 529.

<sup>29</sup> CARVALHO, Jehová de. O poeta de bronze no ocaso de hoje. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 18 maio 1973.

para a mudança cultural que reforçava uma identidade regional urbana, tendo essas manifestações como símbolos de registro identitário cultural. Tudo leva a crer que existia um sentimento, uma vontade de fazer com que a cultura fosse o maior produto social, podendo servir de exemplo para os baianos.

Assim, os apaixonados pela literatura definiam lugares para plantarem sementes de letras e um desses ambientes foi a Civilização Brasileira, onde buscavam novidades literárias, lembrando que os intelectuais baianos tinham uma produção bastante acentuada em Salvador nas décadas de 1940 a 1980 quando eram produzidos e editados livros de poesia, literatura, medicina, história, entre outros. Isso reflete a paixão pelo saber e pelas letras que eram respaldadas por algumas pequenas editoras baianas que nesse momento histórico foram de fundamental importância, no sentido de fomentar diversas publicações de escritores do estado da Bahia.

## Conclusão

O presente artigo buscou, inicialmente, conhecer a pessoa Jehová de Carvalho, haja vista o entendimento de que seria impossível compreender as crônicas separadas do autor, assim entendendo que cidade e cronista se interligam. No posfácio do livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*, Franco Barreto escreve: “Quanto a Jehová, sua vida é um livro. Dono da cidade, de suas noites, duende amadiano, cantado e decantado pelos seus contemporâneos, Xangô de mil mulheres.”<sup>30</sup> Sendo “dono da cidade”, era também da noite, vagando de bar em bar, transformando a boêmia em poesia e crônicas. Nessas andanças buscava também se conhecer, como ele mesmo apresenta no “Soneto ponto final”

Andei demais, amigo.  
Andei jogando  
pedaços de mim a todo o lado  
a ponto de hoje trôpego e cansado  
viver passo por passo me encontrando.  
Cêdo parei de andar de vez. E quando  
eu me procuro e vejo assim parado  
os meus passos cobertos de passando  
penso que o tempo é que se vai parando.

<sup>30</sup> CARVALHO, Jehová de. **A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 175.

Meus pés ficaram atrás de mim. E escuro  
 é o trilho acidentado do futuro  
 onde falece a última esperança  
 Daqueles que, como eu, ouvem sózinhos  
 do coração de areia dos caminhos seus passos vacilantes de criança.<sup>31</sup>

A busca pelo autoconhecimento, bem como a falta de esperança no futuro marcam a trajetória de vida de Jehová, filho do seu tempo, leitor das ruas, um ser social contaminado pelos acontecimentos históricos.

Outro ponto que precisa ser destacado na vida de Jehová, enquanto paradoxo, era o discurso a favor das mudanças sociais, por um lado; porém, quando se tratava das transformações e alterações para o desenvolvimento da cidade, dentro de uma proposta moderna no espaço urbano, o cronista se mostrava tradicionalista, negando veementemente qualquer alteração. O sim e o não, a permanência e a ruptura se debatiam nas reflexões do cronista. E nesse mal-estar consigo mesmo, ele buscava se encontrar nas noites boêmias da cidade, de modo que aquilo que vivenciava na noite servia de matéria para as suas crônicas.

Assim, Jehová de Carvalho se valia dos seus olhos, vivências e experiências, para retratar o cotidiano, de forma apaixonada e tradicionalista; usava a caneta e o papel como instrumento de revelação daquilo que era observado. Dessa maneira, suas crônicas podem ser consideradas um acervo documental e histórico de uma cidade que passava por uma metamorfose urbana e cultural retratada literariamente por Jehová, em riqueza de detalhes como jamais fez nenhum outro cronista baiano.

Conforme observamos, o desenvolvimento urbano e as alterações que se fizeram nos espaços, ruas e bairros não foram aceitos por Jehová. Para chamar a atenção dos cidadãos – de que tais modificações não eram apenas espaciais, mas que traziam a destruição da tradição, da natureza, das relações sociais e de uma vida mais humana –, utilizou o espaço conquistado na imprensa como forma de protesto. O cronista era um defensor dos menos favorecidos e ele temia que o progresso os afetasse.

Jorge Amado, que visualizava o comprometimento de Jehová com sua história e com o povo, escreveu:

No canto apaixonado de Jehová de Carvalho, encontro o homem e o mundo, sua dor, seu protesto, sua luta, “a aurora e sua mensagem rubra” e o amor “sobre o tempo e sobre a vida”. Seu canto de protesto não é simples arrumação de palavras nem demagogia nem generosa inconsciência: o poeta

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_ . Escrito no **Jornal da Bahia**, em 03/1960.

tem plena consciência de seu tempo e seu gesto nasce do conhecimento: “Não por ser jardineiro entregue a rosa a quem ame. Entrego-a a quem por amor continua o tempo havendo e põe o povo na aurora.”<sup>32</sup>

Ao descrever um fato, Jehovah tomava partido, aparecia no texto dialogando quase sempre com pessoas do povo e criticando a política urbana que interferia fortemente na tradição baiana. Esse diálogo era apresentado sempre numa linguagem coloquial, simples, como uma espécie de relato que pode ser classificado como sentimental ou lírica.

Mesmo sendo a crônica um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e a literatura, a de Jehovah consegue ser dotada de luz própria, trazendo o inusitado, o alegre, o sofrimento, as alterações sociais, com um tom e um texto que oscilam entre o real e o ficcional.

Muitas de suas crônicas foram marcadas pela crítica social e política, publicadas nos momentos em que a cidade passava por uma transformação urbana, que destruiu espaços culturais antigos e casarios, criando-se uma nova linguagem da cidade que afetou os mais carentes e a cultura baiana. A negação do progresso nas narrativas cronísticas chega ao extremo, evocando uma tradição sem possibilidades de que ela se reinvente, reformule e reincorpore outros valores. Para Jehovah, as metamorfoses urbanas eram um ataque à cultura de um passado que ele traz apenas nas suas lembranças. O que é perceptível nas crônicas é o sentimento de pura nostalgia que emana das palavras do cronista, revelando uma saudade avassaladora de uma Salvador que falece por conta do desenvolvimento.

Por isso mesmo esse gênero literário não deve ser pensado ou entendido como algo abstrato, desvinculado de um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas. Existem nele núcleos de problemas múltiplos e diferenciados presentes em uma sociedade que precisa externar suas mágoas, alegrias, amores e dificuldades de toda ordem.

As crônicas de Jehovah buscam imprimir sentido também ao ambiente. Sua intenção é manter uma relação entre o homem e seu lugar com significações próprias, construindo um sentido identitário entre o espaço e as pessoas. Portanto, cidade e crônica em Jehovah se constroem nesse processo de união para encontrarem múltiplas leituras, ganhando assim a tessitura da alma do escritor.

Jehová de Carvalho cronista (de) Salvador é a história do escritor e sua relação com a cidade e como ele a sente e a representa. Por isso acreditamos na importância deste estudo,

---

<sup>32</sup> CARVALHO, Jehovah de. **Um passo na noite**. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969. p. 5.



que pretende tirar do anonimato um dos maiores cronistas da Bahia, o único no seu estilo de ser e de escrever.

## Referências

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentários: ensaios sobre literatura experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, Gisele Pereira. **Exílio e memória nos contos de Cyro Martins**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CARVALHO, Jehová de. **A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

\_\_\_\_\_. **Memória da Cantina da Lua**. Salvador: EDUFBA: Câmara Municipal de Salvador, 1995.

\_\_\_\_\_. **Reinvenção do reino dos voduns**. Salvador: Ouro Negro, 1977.

\_\_\_\_\_. **Um passo na noite**. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, pp. 68-75.

MELO, Victor Andrade de. **A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro como fonte de transição do século XIX/XX**. Disponível em: <[www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica\\_remo\\_art\\_conbrace.doc](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica_remo_art_conbrace.doc)>. Acesso em: 15 fev. 2013. p. 4

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

OLIVEIRA, Daniel. Bahia. **A viagem dos argonautas**. Salvador, 2010, p.1. Disponível em: <<http://aviagemdosargonautas.net/2012/08/10/bahia-por-daniel-de-oliveira/>>. Acesso em: 08 out. 2012.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, Milton. **O centro da Cidade de Salvador: estudo de geografia urbana**. 4.ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações**. Rio de Janeiro: Editora Unicamp, 1992. p. 255.

Recebido em: 12 de setembro de 2016.

Aceito em: 27 de novembro de 2016.